

ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS

Volume 30 • 2022



Editor científico: João Luís Cardoso

CÂMARA MUNICIPAL DE OEIRAS
2022

Estudos Arqueológicos de Oeiras é uma revista de periodicidade anual, publicada em continuidade desde 1991, que privilegia, exceptuando números temáticos de abrangência nacional e internacional, a publicação de estudos de arqueologia da Estremadura em geral e do concelho de Oeiras em particular, sem prejuízo daqueles que possam valorizar o conhecimento das antiguidades oeirenses, para além de contributos sobre a História da Arqueologia e de comunicações apresentadas a reuniões científicas organizadas pelo Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras/Câmara Municipal de Oeiras.

Possui um Conselho Assessor do Editor Científico, assim constituído:

- Dr. Luís Raposo (Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa)
- Professor Doutor Nuno Bicho (Universidade do Algarve)
- Professor Doutor Alfredo Mederos Martín (Universidade Autónoma de Madrid)
- Professor Doutor Martín Almagro Gorbea (Universidade Complutense de Madrid)
- Professora Doutora Raquel Vilaça (Universidade de Coimbra)
- Professor Doutor Jorge de Oliveira (Universidade de Évora)

ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS

Volume 30 • 2022 ISSN: 0872-6086

EDITOR CIENTÍFICO – João Luís Cardoso
DESENHO E FOTOGRAFIA – Autores ou fontes assinaladas
PRODUÇÃO – Gabinete de Comunicação / CMO
CORRESPONDÊNCIA – Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras
Fábrica da Pólvora de Barcarena
Estrada das Fontainhas
2745-615 BARCARENA

Os artigos publicados são da exclusiva responsabilidade dos Autores.
É expressamente proibida a reprodução de quaisquer imagens sobre as quais existam direitos de autor sem o prévio consentimento dos signatários dos artigos respectivos.

Aceita-se permuta
On prie l'échange
Exchange wanted
Tauschverkehr erwünscht

ORIENTAÇÃO GRÁFICA E

REVISÃO DE PROVAS – João Luís Cardoso e Autores

PAGINAÇÃO – César Antunes

IMPRESSÃO E ACABAMENTO – Gráficas Amares, Lda. - Amares - Tel. 253 992 735

DEPÓSITO LEGAL: 97312/96

O CASAL DO CLÉRIGO (CASCAIS) ENTRE O SÉCULO V E O SÉCULO X

THE CASAL DO CLÉRIGO (CASCAIS) BETWEEN THE 5TH AND 10TH CENTURIES

Guilherme Cardoso¹ & Luísa Batalha²

Abstract

The reduction of the trading between Olisipo and the other cities of the Roman Empire forced a readjustment of the population of the *ager Olisiponensis* to an economy of subsistence.

Located in the countryside along the old Roman road from Oeiras to Sintra, the villa of Clérigo is one of the regional examples of the profound social changes operated between the V century and the X century, an alteration verifiable through the traces of the cultural material left by the residents of that period.

Keywords: Roman Villa; Late Antiquity; Pottery; Metals; Casal do Clérigo

1 – INTRODUÇÃO

O sítio do Casal do Clérigo revela importante diacronia de ocupação, documentada entre os séculos V-X, período correspondente à Antiguidade Tardia e Alta Idade Média.

Trata-se de um sítio arqueológico com evidências materiais que nos reportam para o século I d.C., comprovando a existência de uma *villa* romana, bem como a via que lhe dava acesso (Oeiras – Sintra).

As condições favoráveis que levaram à sua edificação, comprovadas pela vasta área de terrenos férteis existentes no seu entorno (320 hectares), a par de outras *villae* que têm lugar no *Ager Olisiponense* (CARDOSO, 2018 a, 54 e 55; Fig. 22) obrigam a repensar questões de ordem económica, no que ao abastecimento de bens de consumo diz respeito no período romano, e subsequentemente, as alterações produzidas no território aquando da desestruturação do Império.

O sítio arqueológico do Casal do Clérigo foi identificado em 1989, através de diversos vestígios: um fuste de coluna, um fragmento de peso de lagar, bem como fragmentos de telhas, tijolos e cerâmica comum que abundavam à superfície do terreno.

Em entrevista que efectuámos a António Clérigo, nascido no antigo Casal do Clérigo, foi-nos transmitido que, durante décadas, perto da estrada Manique – Trajouce, existiu uma inscrição romana que entretanto

¹ CAL (Centro de Arqueologia de Lisboa/CML); Associação Cultural de Cascais. gijpcardoso@gmail.com

² Associação Cultural de Cascais. batalhaluisa5@gmail.com

desaparecera. Informou-nos ainda, que, segundo os seus avós, o antigo caminho rural existente no centro do sítio arqueológico, correspondia à antiga “carreira” de Oeiras – Sintra, por onde o rei costumava passar no seu coche. Tratava-se certamente da antiga via romana, que aproveitou o afloramento calcário daquela área para a sua construção e que serviu até aos finais do século XIX (Fig. 1).

Posteriormente, a propriedade foi vendida à firma de construção civil, Américo Santos, Lda, que pretendia proceder à urbanização do local. Uma das condicionantes por parte da edilidade municipal foi a de se proceder a escavações arqueológicas prévias, nas áreas onde se localizavam grandes manchas de vestígios arqueológicos superficiais.

A escavação foi executada pela Associação Cultural de Cascais, sob a responsabilidade de José d’Encarnação e Guilherme Cardoso, inserida no Projecto “*A Ocupação Romana no Concelho de Cascais*”. Os trabalhos iniciaram-se em 1996, com a abertura de diversas valas de diagnóstico, na envolvente da citada via romana, a oriente da “vacaria do Canas”, onde foram detectadas estruturas romanas, bem como da Antiguidade Tardia e do período Islâmico.

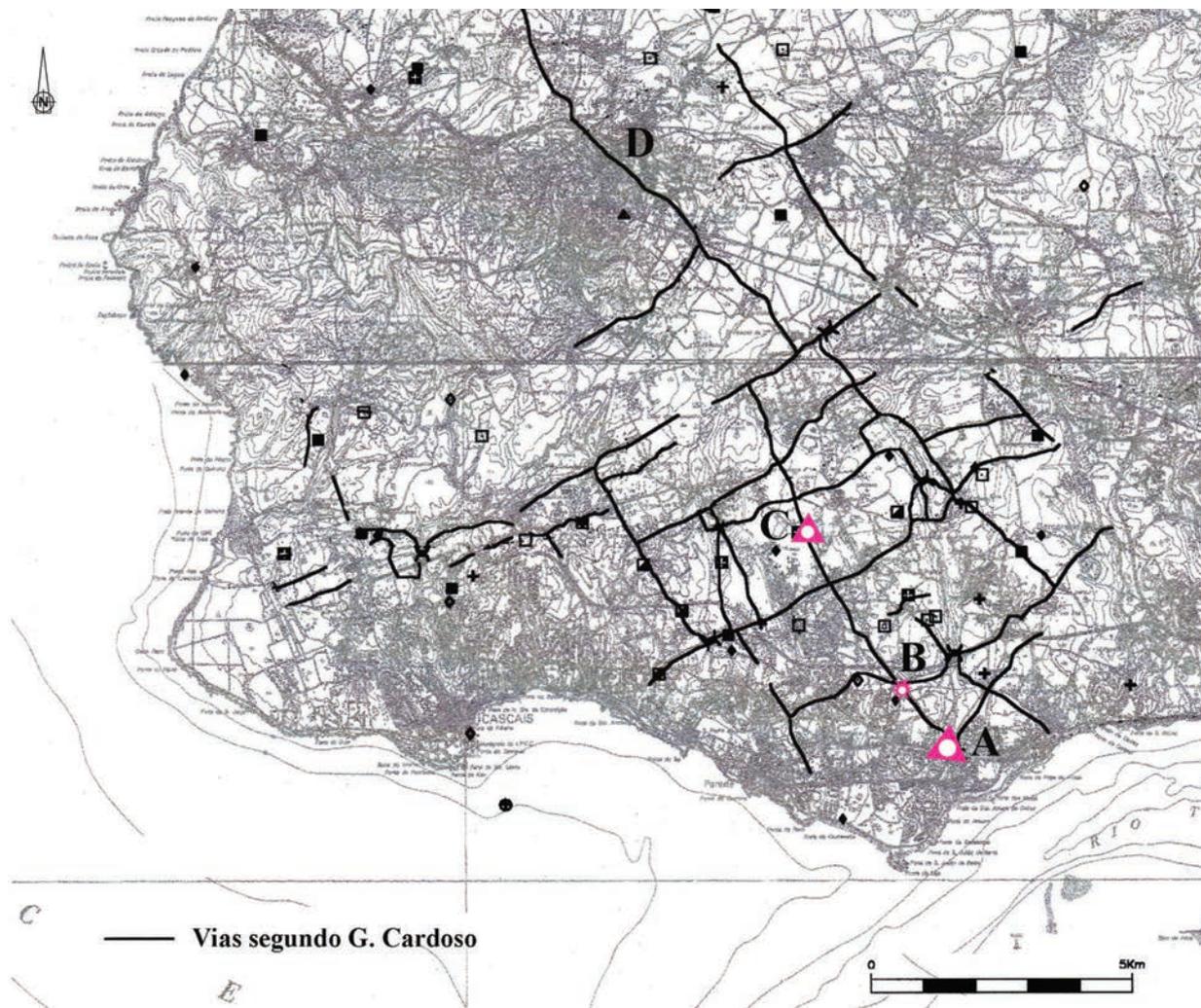


Fig. 1 – Vias dos concelhos de Cascais, Oeiras e Sintra. A, Oeiras; B, necrópole islâmica do Arneiro; C, Casal do Clérigo; D, Sintra.

A intervenção arqueológica, levada a cabo em 1997, após sondagens de prospecção naquela área, resultou na descoberta de um espaço correspondente à *pars urbana*, a Oeste da via, no qual surgiram tesselas, numismas e alguns fragmentos de cerâmica, enquadráveis no momento de fundação da *villa*, dado que se insere em cronologia do século I d.C., prolongando-se a sua ocupação até ao período Islâmico. A Este do traçado viário, encontraram-se vestígios de estruturas romanas, uma sepultura tardo romana e uma cabana de cronologia islâmica, na qual, junto ao solo, na sua periferia sul e poente, era possível observar alguns buracos de poste, acima de um fundo em fossa, completamente colmatado por uma grande potência estratigráfica, composta maioritariamente por cinzas, fragmentos cerâmicas e raras pedras (Fig. 5). Associada a este contexto foi exumada considerável quantidade de espólio cerâmico, o qual permitiu a sua datação.

Para além destas estruturas, foram também escavadas duas sepulturas com ausência de materiais, o que pressupõe tratar-se de deposições Tardo-antigas, uma vez não apresentarem espólio associado. Contudo, é possível que se tenha verificado um hiato de ocupação, uma ausência de memória quanto a esta funcionalidade, na medida em que, uma das sepulturas foi utilizada como lareira.

2 – ANTIGUIDADE TARDIA E A ALTA IDADE MÉDIA: O ESTADO DA QUESTÃO

Quando se coloca a questão do estudo do período que abrange a queda do Império Romano do Ocidente, em 476, até à centúria de setecentos – e conseqüentemente a ocupação do território por um novo invasor – falamos inevitavelmente de questões estruturais a nível social e económico que se reflectiram por todo o território, condicionando e alterando as vivências das populações (TEJERIZO GARCÍA, 2016). Em relação a estas, maioritariamente dispersas em meio rural, carecemos de informação por ausência de documentação escrita. Uma limitação só possível de ultrapassar através das evidências arqueológicas, assentando estas na cultura material e estruturas construtivas, muitas vezes condicionadas pela reutilização de materiais “desviados” das *villae*, parcial ou efectivamente desactivadas. São estes os únicos elementos a partir dos quais a arqueologia se debruça para tentar fazer a história daqueles a quem a mesma história não deu voz, problemática que nem sempre facilita o trabalho do investigador.

A perspectiva macroterritorial na qual se insere este trabalho, pretende fazer luz sobre o tipo de ocupação no território de Cascais. Os contextos rurais entre os séculos V-VIII têm oferecido dificuldades de datação aos investigadores em território espanhol, tal só foi possível mediante o estudo exaustivo das cerâmicas, em articulação com a análise estratigráfica bem documentada (TEJERIZO GARCÍA, 2016, p. 230).

Sobre a questão da metodologia utilizada na obtenção das datações dos materiais, elegemos para o efeito as referências de Afonso Vigil Escalera-Guirado (2013, p. 12), na qual se apresentam os principais factores que têm condicionado a obtenção de cronologias para os conjuntos cerâmicos:

- Datação dos materiais pelos próprios materiais em virtude de ausência estratigráfica sequencial.
- Os conjuntos cerâmicos resultam de contextos escavados, aos quais são atribuídas amplas cronologias, por norma, localizadas entre os séculos V-VII/VIII, avançando até ao período Emiral/Califal (séc. IX-X).

Para Escalera-Guirado (2012, p. 12), esta problemática contribui para que as cerâmicas deixem de ser úteis como instrumento de datação, dificultando a narrativa arqueológica do ponto de vista social para o período em análise, ao aglutinar as formas materiais em tão ampla cronologia. Por outro lado, há que ter em conta a fase tardia em que se deu início aos estudos destes conjuntos cerâmicos e a sua dependência em relação as

cerâmicas romanas, concretamente a utilização da *terra sigillata* como fóssil director (LARRÉN *et al.*, 2003, p. 273-278, *apud* TEJERIZO GARCÍA, 2016, p. 231).

- O facto de ter sido atribuído maior relevância às cerâmicas de “luxo” ou “finas”, em relação às “cerâmicas comuns”.
- Os critérios morfotipológicos prevaleceram, procurando a partir dos mesmos estabelecer fósseis directores, ignorando outros factores, tais como os tecnológicos ou estratigráficos, excepção em relação aos trabalhos de Vigil Escalera Guirado e por nós igualmente consultados (2003, 2006, 2007).
- Factores históricos poderão igualmente contribuir para a análise tipológica, e sua relação com as cronologias de outros sítios arqueológicos.
- O estudo de pequenos conjuntos cerâmicos, normalmente inferior a 200 fragmentos, excepto os trabalhos de síntese que reúnem estudos de conjuntos diferentes de uma região (LARRÉN *et al.*, 2003, *apud* TEJERIZO GARCÍA, 2016, p. 231).
- Inexistência de crítica arqueológica sobre a origem dos materiais, técnicas e registo.
- Ausência de análises arqueométricas.
- Por último, verifica-se uma lacuna em relação à análise social inerente à cerâmica. Para além da classificação dos conjuntos, verifica-se uma ausência de “reflexão teórica” na área de estudo (MORELAND, 2010, *apud* TEJERIZO GARCÍA, 2016, p. 231).

Em território Português tem sido difícil realizar trabalhos nesta área, dado que não possuímos estudos aprofundados que privilegiem especificamente áreas de ocupação referentes a este período.

Mais uma vez são as cerâmicas finas que condicionam as datações, mas verificamos que o desconhecimento em relação à cerâmica comum de uso doméstico é gritante. Esta associação, pelo que temos observado em relação aos sítios por nós estudados, indica-nos que as análises estratigráficas que vemos muitas vezes divulgadas, não entram em linha de conta com as alterações antrópicas ocorridas nos locais intervencionados, o que manifestamente atribui, erradamente, falsas datações aos objectos em análise.

3 – O POVOAMENTO REGIONAL DA BAIXA PENÍNSULA DURANTE OS SÉCULOS V A XI

No início do século V verifica-se o declínio demográfico do *ager olisiponensis*. As *villae* entram rapidamente em decadência, deixando de ter obras de conservação, levando à derrocada dos telhados e paredes, transformando-se em ruínas, sendo estas reutilizadas de acordo com as parcas necessidades dos seus habitantes (Cardoso, 2018; Batalha *et al.*, 2009).

A antiga *villa* do Casal do Clérigo, localizada no planalto do Nordeste do município de Cascais, por onde passava a referida estrada que ligava Oeiras a Sintra tinha condições excepcionais para a lavoura e disso já demos notícia em vários artigos (ENCARNAÇÃO & CARDOSO, 2019, p. 96-97). As transformações verificadas nas áreas anteriormente existentes apontam para que o espaço tenha sido utilizado a partir do século V, a fim de dar apoio aos viajantes que percorriam aquela antiga via.

Por toda a área do concelho de Cascais e conselhos limítrofes se observa o abandono das estruturas que durante o alto e baixo-império, contribuíram para o desenvolvimento económico da região integrada no *ager*, sintomático em relação a outros espaços, com relevantes alterações no tecido social, conduzindo a uma nova orgânica administrativa e ideológica.

4 – TRABALHOS ARQUEOLÓGICOS REALIZADOS NO CASAL DO CLÉRIGO

Perante a necessidade de conservação do sítio arqueológico foram realizadas diversas valas de diagnóstico dos dois lados da antiga via.

Verificou-se então que existia uma significativa camada de terra negra no lado nascente e restos de muros e pisos de *opus caementicium* no seu lado poente.

Devido a anos de cultivo intenso do terreno e seu pendor, verificou-se, que no lado sul, as estruturas tinham desaparecido por completo, enquanto do lado norte laborou uma pedreira nos finais do século XIX, destruindo todos os vestígios mais antigos na área de extracção de pedra calcária, preservando, contudo, as estruturas que lhe estavam anexas em GO'-2 e HO'-1.

Durante a escavação do lado poente do sítio, foram identificadas as ruínas de um edifício romano com seis compartimentos, vários pisos atapetados por uma argamassa de cal, areia e pedra britada, bem como outros de terra batida, observáveis facilmente através do corte estratigráfico registado no lado oriental de HO'-1 (Fig. 4). Os pisos das salas foram nalguns casos reutilizados (Fig. 5 e 6), enquanto noutros pontos foi depositada uma camada de terra com materiais de várias épocas, sobre a qual foram erigidos os muros da última fase de ocupação (Fig. 7).

No canto SE do compartimento Sul, foi identificado um silo que tinha de boca 70/80cm e uma profundidade aproximada de 110cm. O seu interior estava colmatado com terra, pedra, muita telha, carvões e raros fragmentos de cerâmica comum islâmica. Ao nível do piso exterior, junto à boca, foram exumados dois bronzes romanos e um fragmento de anel em fita, de liga de cobre, decorado com motivos em linhas quebradas feitas a cinzel, datado do século V ou VI, com paralelo num exemplar recolhido em Castanheira do Ribatejo, na *villa* romana de Sub-Serra (MONTEIRO *et al.*, 2009: 146; CARDOSO & CARDOSO, 1995, 1995, p. 412, fig. 11), com datações atribuíveis entre os séculos IV e VII.

Verificou-se então que existia uma significativa camada de terra negra no lado nascente e restos de muros e pisos de *opus caementicium* no seu lado poente.

No ano seguinte foram realizadas escavações arqueológicas que revelaram, na quadrícula JO'-2 e JO'-4 (Fig. 2), vestígios de muros de uma habitação romana, parte de uma sepultura de época tardia, violada (Fig. 3), e uma cabana dos inícios do período Islâmico que teria servido de ferraria, onde foram recolhidos vários pedaços de escória de ferro, o que não é de estranhar, porque segundo a crónica da conquista de Lisboa, na cidade não faltavam ferreiros (ALVES, 1989, p. 34). No lado oposto da estrada, nas quadrículas GO'-2, GO'-4 e HO'-1, detectaram-se estruturas romanas apresentando má conservação, mas que revelaram tratar-se certamente de vestígios da construção da *pars urbana* de uma antiga *villa*. Sobre aquele espaço, após ser nivelado com recurso a terras com materiais arqueológicos de várias épocas, posteriormente foram construídos novos edifícios de paredes de pedra seca, de dupla fiada, já em época visigótica. Tal como se vem registando noutros locais, também no Casal do Clérigo se verificam alterações a nível de estratigrafia que nos impedem, em determinados sectores, fazer uma análise sequencial da mesma. A ocupação do sítio pelas comunidades, nos períodos Visigótico e Islâmico transformou certamente a estrutura edificada da *villa*, para tal contribuindo igualmente a construção da cabana de cronologia islâmica, em JO'-4 (Fig. 4-6), bem como o revolvimento dos solos com a utilização do arado nos trabalhos agrícolas. No sentido de obter uma cronologia fidedigna recorreremos a horizontes cronológicos, com base numa análise estratigráfica efectuada em sectores menos antropizados.

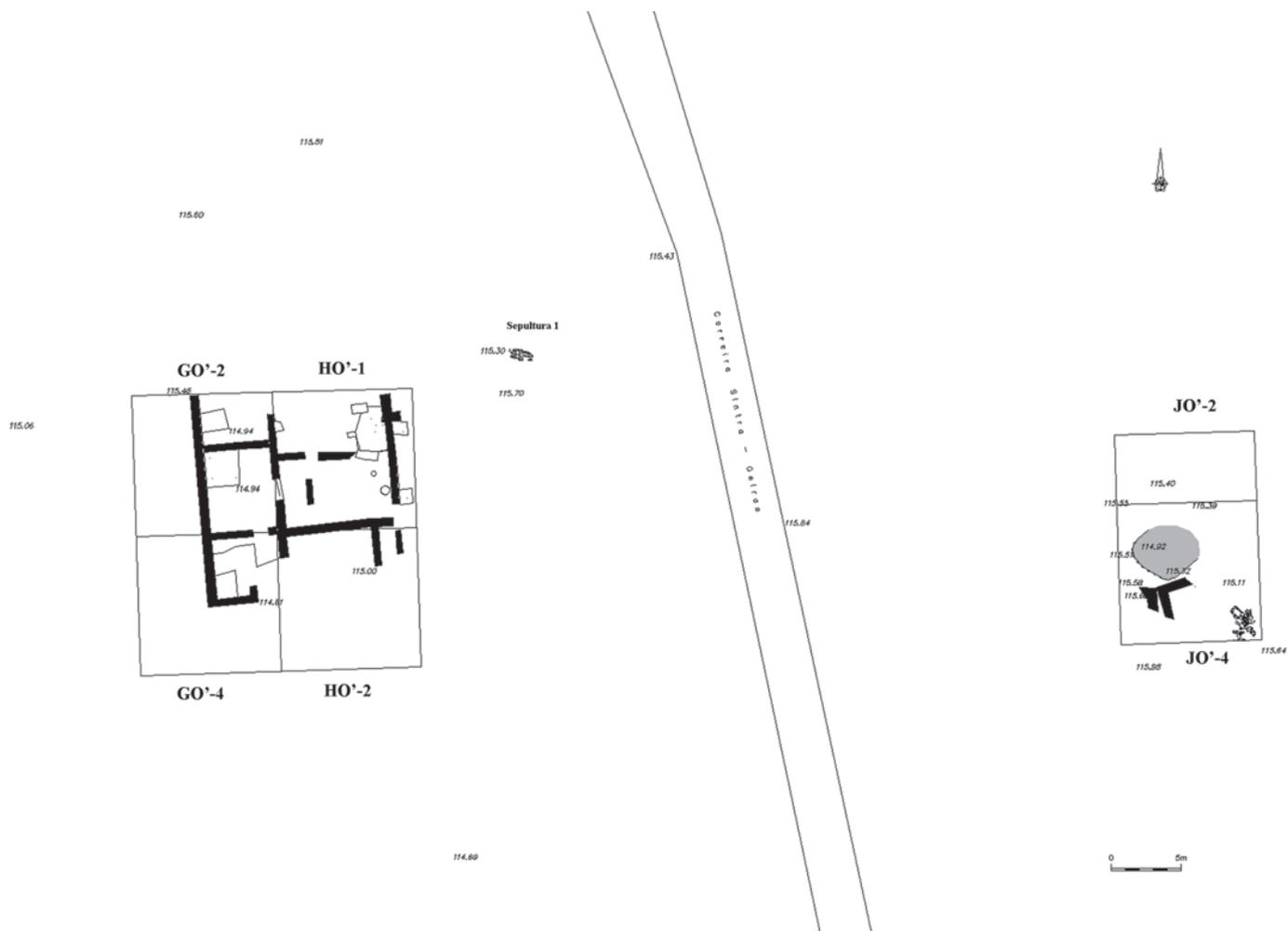


Fig. 2 - Planta das áreas escavadas com a antiga carreira Oeiras-Sintra ao meio.



Fig. 3 - Cerâmicas de produção manual e de cozedura redutora.

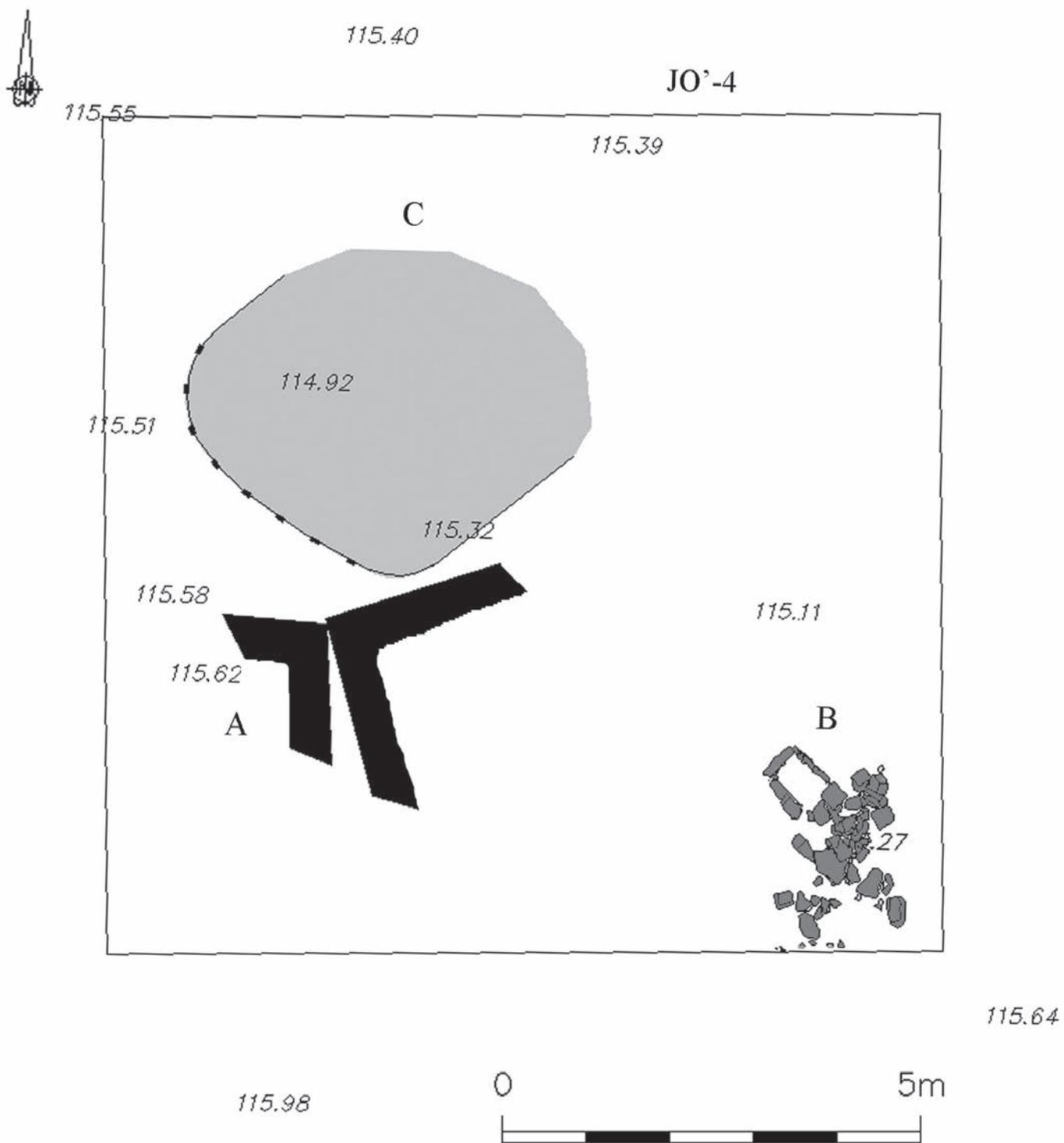


Fig. 4 - Planta de JO'4. A, muros romanos; B, sepultura 2; C, cabana.



Fig. 5 - Cabana.



Fig. 6 - Fundo de cabana. Do lado direito, em terceiro plano, observa-se vestígios dos muros romanos.

4.1 – Horizontes cronológicos

São seis os Horizontes Cronológicos identificados até ao momento no sítio arqueológico do Casal do Clérigo.

Horizonte 1 (dos meados do século I d.C. aos finais do século II d.C.): reconhecido através dos materiais arqueológicos, como sejam, *terra sigillata* e cerâmica comum, embora remobilizados.

Horizonte 2 (do século III d.C. aos finais do século V d.C.): são desta época as estruturas romanas observadas nos dois lados da via, correspondendo as do lado poente à área da *pars urbana*.

Horizonte 3 (dos inícios do século V d.C. a meados do século VI d.C.): desta época existem cerâmicas finas, cerâmica comum e ânforas exumadas da camada inferior, bem como remobilizadas nos estratos superiores.

Horizonte 4 (dos meados do século VI d.C. aos finais do século VII d.C.): são deste período as duas sepulturas escavadas e os materiais cerâmicos de produção local ou regional com técnicas de cozedura redutora.

Horizonte 5 (dos finais do século VII d.C. a meados do século IX d.C.): observou-se uma nova reestruturação das habitações, nivelamento dos antigos pisos através de enchimento com terra e construção de muros por cima. No lado nascente aprofundaram o terreno ao nível da sepultura ali existente, aproveitando parte das lajes para criarem uma fogueira e construída uma cabana para albergar uma ferraria. As cerâmicas, algumas de fabrico manual, na sua maioria encontram-se efectivamente nos estratos mais profundos, contudo, numa relação cronológica muito próxima das produzidas a roda lenta e rápida. Observa-se ainda, a presença de cerâmica importada, o que denota o fluxo de alguns bens de luxo circulando por esta via, nomeadamente no que concerne às cerâmicas finas.

Horizonte 6 (compreendendo os séculos IX e X): última fase de ocupação do sítio com o piso da ferraria. Este já se encontrava ao nível do solo exterior, aqui se podendo observar os buracos de poste para as vigas de suporte das suas paredes. As cerâmicas adquirem uma melhor qualidade, com algumas intromissões exógenas, mas são fundamentalmente de produção regional.

4.2 – A cerâmica

Os trabalhos de escavação realizados no Casal do Clérigo ofereceram um volume significativo de materiais cerâmicos, datados do período Romano, Visigótico e Islâmico.

Os artefactos apresentados são maioritariamente cerâmicos, pretendendo ser uma primeira abordagem ao estudo do vasto espólio resultante desta intervenção. Foi analisado um conjunto de 217 peças, das quais fazem parte cerâmicas finas, fragmentos de ânforas, abundante cerâmica comum e alguns metais.

Apesar da quase ausência de uma estratigrafia sequencial, o local ofereceu espólio cujas datações variam entre o Alto Império e a Idade Média.

A par da importante quantidade das cerâmicas de uso comum, registou-se igualmente a presença do considerável conjunto de cerâmicas finas, nomeadamente a Late Roman C Ware ou Cerâmica Focence Tardia (HAYES, 1972) (Fig. 7, n.ºs 5-21), evidenciando que a *villa* romana do Casal do Clérigo teria mantido ocupação durante o período da Tardo Antiguidade, neste caso o século VI, facto que, segundo refere Eurico Sepúlveda, se encontra relacionado com a dinâmica comercial, no escoamento de produtos entre o Império Romano do Oriente, através do Mediterrâneo e a faixa atlântica (SEPÚLVEDA, 2019, p. 105).

Abundam, do ponto de vista formal, as formas fechadas, constituídas fundamentalmente por potes, panelas e contentores de líquidos. Estes últimos surgem em grande quantidade, mas carecendo de elementos com perfil completo dificulta em alguns casos a sua classificação. Por outro lado, verificamos a ausência de púcaros

e pratos no serviço de mesa, facto que se poderá justificar pelo uso de objectos em madeira. Estes, por serem elaborados a partir de matérias perecíveis não chegaram até nós.

Neste conjunto apresentam-se também alguidares, almofarizes, taças, pratos covos, contentores de fogo e materiais de construção (telhas). Contamos ainda com fundos de panelas e de bilhas e elementos reaproveitados, de uso na actividade lúdica.

Os períodos do Alto e Baixo-império apresentam peças com cozeduras oxidantes, levantadas utilizando a técnica de roda rápida. A partir da segunda metade do século V, aumenta a percentagem de peças levantadas a roda lenta, facto que se mantém no Período Visigótico, mas em que se verifica simultaneamente um conjunto de exemplares levantados manualmente.

O facto de a partir da centúria de quatrocentos se observar na maioria dos casos uma diminuição da produção de cerâmica de cozedura oxidante estará, ao que tudo indica, relacionado com uma condicionante estética, facto não conclusivo para o estudo destes materiais, na medida em que se encontra por analisar um vasto conjunto de espólio. É possível que todos os tipos de cozeduras tenham coexistido, perdurando até à introdução de novas técnicas de fabrico, nomeadamente, grande percentagem de pastas claras, através das comunidades islâmicas. No entanto, pelo que nos é dado observar, o Casal do Clérigo apresenta, inclusive, produções locais, cujas características formais respeitam uma tradição sob influência do período visigótico em época Emiral. Temos vindo a verificar este fenómeno no decorrer do estudo de outros sítios arqueológicos na região de Cascais (CARDOSO & BATALHA, 2018), bem como em Oeiras, através de uma intervenção realizada na rua Marquês de Pombal, publicada recentemente (CARDOSO, CARDOSO & MARTINS, 2018; CARDOSO, *et al.*, 2021), realidade que se apresenta transversal ao território Peninsular, tendo, no entanto a considerar, especificidades de cariz regional resultantes de vários factores.

No que respeita à constituição das pastas cerâmicas, estas apresentam uma percentagem significativa se desengordurantes angulosos de calibre médio, maioritariamente micáceas e quartzosos, sendo as mesmas mal depuradas e friáveis, resultando em fabricos grosseiros, apresentando, acabamentos de superfície alisados, por vezes rugosos.

Foi ainda observado, que, à excepção das telhas, não se regista grande diversidade decorativa neste primeiro momento (BATALHA & CARDOSO, 2021, p. 167-170). As cerâmicas produzidas em período Emiral, bebendo muito de estética formal em modelos visigóticos, começa, timidamente, a apresentar pintura a barbotina e superfícies com nervuras.

Contudo, este estudo carece de carácter conclusivo. Somente a análise dos restantes materiais, a efectuar oportunamente, nos permitirá consolidar o conhecimento, com ilações sobre o tipo de comunidades, que, do ponto de vista social e económico ocuparam o espaço da antiga *villa* romana do Casal do Clérigo.

Descrição das peças

Sondagem /Estrato	Figura	Nº	Forma	Fabrico	Cozedura	Cronologia	Decoração	Paralelos
(Sup)	7	18	Ânfora / Almagro 51C	Roda rápida	Oxidante	IV-V		Cardoso, 2009a, p. 79
(Sup.)	10	15	Bico tubular	Manual	Oxidante	Período Islâmico	Barbotina	Cristóbal López, 2008, p. 437
GO'-2(2)	7	11	Hayes 3F/G	Roda rápida	Oxidante	V-VI		AA VV, 1981, p.232, Távola CXIII
GO'-2(2)	8	8	Asa de jarrinho		Oxidante	IX-X	Pintura a manganês	Cristóbal López, 2008, p. 482
GO'-2(2)	8	58	Panela	Roda lenta	Oxidante	V-VII		Batalha <i>et al</i> (no prelo)
GO'-2(2)	9	21	Panela	Manual	Semi- redutora	V-VI		Riera <i>et al</i> , 1997, p. 49
GO'-2(2)	9	39	Prato	Roda rápida	Oxidante	V		Cardoso & Batalha, 2018, p. 173
GO'-2(2)	9	48	Prato	Roda lenta	Semi- redutora	I-II		Vaz Pinto, 2003, p. 222
GO'-2(2)	9	53	Taça	Roda lenta	Oxidante	VII		Macias Solé, 1999, p. 87
GO'-2(2)	9	54	Taça	Roda lenta	Oxidante	V		Cardoso & Batalha, 2018, p. 173
GO'-2(2)	10	21	Ferradura de bovídeo		Metal	Indeter- minada		
GO'-4(1)	9	25	Indeter- minada	Roda rápida	Semi-redutora	VIII-X	Pintura a barbotina	
GO'-4(1)	9	26	Indeter- minada	Roda rápida	Oxidante	Período islâmico	Pintura a barbotina	
GO'-4(1)	10	17	Marca de jogo		Oxidante	Período islâmico		
HO'-1(Sul)	8	17	Asa		Semi-Redutora	Período visigótico		
HO'-1(Sul)	8	20	Base de taça	Roda rápida	Oxidante	Período visigótico		Cristóbal López, 2008, p. 458

Sondagem /Estrato	Figura	Nº	Forma	Fabrico	Cozedura	Cronologia	Decoração	Paralelos
HO'-1(Sul)	8	21	Base de jarro	Roda rápida	Oxidante	Período visigótico		Cristóbal López, 2008, p. 491
HO'-1(Sul)	8	22	Base de Jarrinho	Roda rápida	Oxidante	Período visigótico		Cristóbal López, 2008, p. 463
HO'-1(Sul)	8	26	Jarro	Roda rápida	Oxidante	V		Tejerizo García, 2017, p. 509
HO'-1(Sul)	8	29	Panela	Roda lenta	Semi-redutora	X		Azkarate <i>et al</i> , 2016, p. 205
HO'-1(Sul)	8	31	Panela	Roda rápida	Oxidante	X		Cardoso & Batalha, 2018, p. 182
HO'-1(Sul)	8	35	Taça	Roda rápida	Oxidante	VI-VII		Cardoso, 2018a, p. 349
HO'-1(Sul)	8	44	Base de bilha	Roda rápida	Oxidante	X		Cristóbal López, 2008, p. 482
HO'-1(Sul)	8	46	Jarrinho	Roda rápida	Oxidante	Período visigótico		Cristóbal López, 2008, p. 478
HO'-1(Sul)	8	54	Panela	Roda rápida	Oxidante	V		Cardoso, 2018a, p. 340
HO'-1(Sul)	9	6	Panela	Roda lenta	Semi-redutora	VII-IX		Batalha, 2009, p. 102
HO'-1(Sul)	9	7	Panela	Roda lenta	Oxidante	VI-VII		Alba Calçado, Santiago Feijoo, 2003, p. 495
HO'-1(Sul)	9	8	Panela	Roda rápida	Redutora	VII-X		Cardoso & Batalha, 2018, p. 177
HO'-1(Sul)	9	9	Panela	Roda lenta	Redutora	VIII-IX		Cardoso & Batalha, 2018, p. 182
HO'-1(Sul)	9	34	Base de Panela	Roda rápida	Oxidante	VI		
HO'-1(Sul)	9	41	Prato	Roda rápida	Semi-redutora	V-VII		Batalha, 2009, p. 102

Sondagem /Estrato	Figura	Nº	Forma	Fabrico	Cozedura	Cronologia	Decoração	Paralelos
HO'-1(Sul)	9	42	Prato	Roda rápida	Semi-redutora	V-VI		Gaspar & Gomes, 2015, p. 854
HO'-1(Sul)	10	6	Alguidar	Roda rápida	Semi-redutora	IV-V		Vaz Pinto, 2003, p. 292
HO'-1(Sul)	10	7	Prato	Roda rápida	Semi-redutora	V-VI		Fernandez Fernandez, 2016, p. 94
HO'-1(Sul)	10	12	Pote?	Roda lenta	Redutora	V		Macias Solé, 1999, p. 106
HO'-1(Sul)	10	14	Bacia	Roda lenta	Semi-redutora	VI-VII		Macias Solé, 1999, p. 106
HO'-1(1)	8	39	Perfumador	Manual	Redutora	Período islâmico		S/ paralelo
HO'-1(1)	7	4	Hayes 3D	Roda rápida	Oxidante	V-VI		AA VV, 1981, p.232, Távola CXIII
HO'-1(1)	7	12	Hayes 3H	Roda rápida	Oxidante	V-VI		AA VV, 1981, p.232, Távola CXIII
HO'-1(1)	7	17	Foceense Indeterminada	Roda rápida	Oxidante			
HO'-1(1-2)	7	25	Jarro	Manual	Redutora	VI-VII		Cardoso & Batalha, 2018, p. 175
HO'-1(1-2)	7	26	Panela	Roda lenta	Oxidante	VI-VII		Cardoso & Batalha, 2018, p. 175
HO'-1(1-2)	7	27	Panela	Roda lenta	Oxidante	VI-VII		Cardoso & Batalha, 2018, p. 175
HO'-1(1-2)	7	29	Panela	Roda lenta	Semi-redutora	VII-VIII		Mullor, A. L. <i>et al</i> , 2003, p. 50
HO'-1(1-2)	7	30	Asa jarro		Oxidante	Período visigótico	Decor. Puncionada	Tente & De Man, 2016, p. 63
HO'-1(1-2)	7	33	Panela	Roda lenta	Semi-redutora	IX-X		Cristobal Lopez, 2008, p. 421 e 435

Sondagem /Estrato	Figura	Nº	Forma	Fabrico	Cozedura	Cronologia	Decoração	Paralelos
HO'1(1-2)	7	35	Jarro	Roda lenta	Semi-oxidante	VIII-IX/X		Cardoso & Batalha, 2018, p. 181
HO'1(1-2)	7	37	Jarro	Roda rápida	Redutora	IX-X		Cristobal Lopez, 2008, p. 421
HO'1(1-2)	7	38	Panela	Roda lenta	Semi-redutora	IX-X		Cardoso & Batalha, 2018, p. 173
HO'1(1-2)	7	39	Jarro	Roda rápida	Redutora	X-XI		Cristobal Lopez, 2008, p. 490
HO'1(1-2)	7	40	Jarro	Roda lenta	Oxidante	IX-X		Cristobal Lopez, 2008, p. 436
HO'1(1-2)	7	41	Cântaro	Roda rápida	Oxidante	IX-X		Cristobal Lopez, 2008, p. 436
HO'1(1-2)	7	42	Panela	Roda lenta	Semi-oxidante	VII-VIII		Batalha <i>et al</i> (no prelo)
HO'1(1-2)	7	48	Jarro	Roda lenta	Oxidante	IX		Cristobal Lopez, 2008, p. 429
HO'1(1-2)	8	28	Jarro	Manual	Oxidante	VI-VII		Cardoso & Batalha, 2018, p. 173
HO'1(1-2)	8	30	Jarro	Manual	Semi-redutora	VII-VIII		Alba & Feijoo, 2003, p. 496
HO'1(1-2)	8	48	<i>Dolium</i>	Manual	Semi-redutora	VII-IX		Cardoso & Batalha, 2018, p. 174
HO'1(1-2)	8	41	Base indeterminada	Roda lenta	Redutora	Período visigótico		
HO'1(1-2)	8	45	Base de Bilha	Roda lenta	Redutora	Período visigótico		
HO'1(1-2)	8	57	Panela	Roda rápida	Oxidante	V		Cardoso, 2018a, p. 340
HO'1(1-2)	8	64	Jarro	Manual	Semi-redutora	VI-VII		Lívia Vaqueira, 2015, p. 175

Sondagem /Estrato	Figura	Nº	Forma	Fabrico	Cozedura	Cronologia	Decoração	Paralelos
HO'-1(1-2)	9	10	Panela	Roda lenta	Redutora	VI		Cardoso & Batalha, 2018, p. 177
HO'-1(1-2)	9	11	Panela	Roda lenta	Redutora	V		Tejerizo García, 2017, p. 508
HO'-1(1-2)	9	12	Pote	Roda lenta	Semi-redutora	V		Merino & Simón, 2017, p. 127
HO'-1(1-2)	9	14	Panela	Manual	Semi-redutora	VIII-X		Cardoso & Batalha, 2018, p. 181
HO'-1(1-2)	9	28	Base de Pote	Roda lenta	Semi-redutora	Período visigótico		
HO'-1(1-2)	9	29	Base Pote/ Panela	Roda lenta	Semi-redutora	VI		Tejerizo García, 2017, p. 403
HO'-1(1-2)	9	32	Base de pote	Manual	Oxidante	Período visigótico		
HO'-1(1-2)	9	40	Prato	Roda lenta	Oxidante	V		Cardoso & Batalha, 2018, p. 173
HO'-1(1-2)	9	43	Taça	Roda rápida	Oxidante	V-VI		Cardoso & Batalha, 2018, p. 177
HO'-1(1-2)	9	44	Taça	Roda lenta	Semi-redutora	V- VI		Macias Solé, 1999, p. 61
HO'-1(1-2)	9	52	Prato	Manual	Redutora	Período visigótico		Cardoso, 2018a, p. 353
HO'-1(1-2)	9	55	Taça	Roda lenta	Semi-redutora	VII		Escalera-Guirado, 2003, p. 736
HO'-1(1-2)	10	4	Tampa	Roda lenta	Oxidante	IX		Retuerce Velasco, 1998, tomo II
HO'-1(1-2)	10	13	Almofariz	Roda lenta	Oxidante	IV-VI		Macias Solé, 2003, p. 31
HO'-1(1-2)	10	6	Telha		Oxidante	Período visigótico	Decoração incisa	Cardoso & Batalha, 2018, p. 183

Sondagem /Estrato	Figura	Nº	Forma	Fabrico	Cozedura	Cronologia	Decoração	Paralelos
HO'1(2)	7	19	KEAY 16	Roda rápida	Oxidante	IV-VI		Keay,1984, p. 153
HO'1(2)	7	24	Jarro	Roda rápida	Oxidante	IX-X		Cristóbal López, 2008, p. 436
HO'1(2)	7	28	Jarro	Roda lenta	Oxidante	VI-VIII		Tejerizo García, 2017, p. 404
HO'1(2)	7	46	Jarro	Roda lenta	Oxidante	IX-X		Almansa <i>et al</i> , 2003, 441
HO'1(2)	7	47	Jarro	Roda lenta	Oxidante	IX-X		Almansa <i>et al</i> , 2003, 441
HO'1(2)	8	23	Panela	Roda lenta	Oxidante	VII-VIII		Ruiz & Lloret, 2018, p. 521
HO'1(2)	8	32	Pote	Roda lenta	Semi-redutora	X		Cristóbal López, 2008, p. 443
HO'1(2)	8	36	Pote	Roda lenta	Semi-redutora	IX-X		Cardoso & Batalha, 2018, p. 181
HO'1(2)	8	61	Panela	Roda lenta	Semi-redutora	VI		Cardoso & Batalha, 2018, p. 177
HO'1(2)	8	67	Panela	Roda Rápida	Redutora	VI-VII		Cardoso & Batalha, 2018, p. 177
HO'1(2)	8	68	Panela	Manual	Redutora	VI-VII		Batalha <i>et al</i> (no prelo)
HO'1(2)	8	69	Panela	Manual	Redutora	V-VI		Escalera Guirado, 2007, p. 712
HO'1(2)	8	73	Pote	Manual	Redutora	VIII-IX		Cristóbal López, 2008, p. 469
HO'1(2)	9	1	Panela	Manual	Redutora	VII-VIII		Cardoso & Batalha, 2018, p. 177
HO'1(2)	9	2	Panela	Roda lenta	Redutora	VIII		Zoreda, 1989, p. 90
HO'1(2)	9	47	Caçoila	Roda lenta	Semi-redutora	V-VI		Macias Solé, 1999, p. 143, p. 90

Sondagem /Estrato	Figura	Nº	Forma	Fabrico	Cozedura	Cronologia	Decoração	Paralelos
HO'-1(2)	9	51	Caçoila	Roda lenta	Oxidante	VIII		Herrero, <i>et al</i> , 2016, p. 291
HO'-1(2)	10	2	Caçoila	Manual	Redutora	VIII-IX		Vigil-Escalera Guirado, 2003, p. 384
HO'-1(2-3)	7	10	Hayes 3F/G	Roda rápida	Oxidante	V-VI		AA VV, 1981, p. 232, Távola CXIII
HO'-1(2-3)	10	18	Anel (cobre)			Período visigótico		Monteiro <i>et al</i> , 2009, p. 146
HO'-1(3)	7	6	Hayes 3D	Roda rápida	Oxidante	V-VI		AA VV, 1981, p.232, Távola CXIII
HO'-1(3)	7	8	Hayes 3D	Roda rápida	Oxidante	V-VI		idem
HO'-1(3)	7	9	Hayes 3F	Roda rápida	Oxidante	V-VI		idem
HO'-1(3)	7	22	Jarro	Roda rápida	Oxidante	VI-VIII		Tejerizo García, 2017, p. 480
HO'-1(3)	7	43	Cântaro	Roda lenta	Semi-redutora	IX		Alba & Feijoo, 2003, p. 498
HO'-1(3)	7	45	Garrafa	Roda rápida	Oxidante	X	Pintura a óxido de ferro	Retuerce Velasco, 1998, Forma B
HO'-1(3)	8	7	Ânfora	Roda rápida	Oxidante	IX		Roselló et al, 2016, p. 47
HO-1(3)	8	34	Panela	Roda rápida	Oxidante	IX		Caballero Zoreda & Sáez Lara, 1999, p. 259
HO'-1(3)	8	51	Base Indeterminada	Manual	Semi-redutora	Período visigótico		
HO'-1(3)	9	22	Jarro	Roda rápida	Semi-redutora	VIII		Sónia Gutiérrez, 2011, p. 198
HO'-1(3)	9	23	Panela	Manual	Redutora	IX		Cardoso & Batalha, 2018, p. 182

Sondagem /Estrato	Figura	Nº	Forma	Fabrico	Cozedura	Cronologia	Decoração	Paralelos
HO'1(3)	9	24	Panela	Roda rápida	Semi-redutora	IX-X	Pintura a barbotina	
HO'1(3)	9	45	Taça	Roda lenta	Redutora	X	Brunida	Cristóbal López, 2008, p. 478
HO'1(3)	10	1	Taça	Roda rápida	Semi redutora	V-VI	Brunida	Macias Solé, 1999, p. 146
HO'1(3)	10	3	Caçoila	Roda lenta	Redutora	V-VI/VII		Macias Solé, 1999, p. 89
HO'2(2)	8	56	Panela/Jarro	Roda rápida	Oxidante	VIII		Cardoso, 2009b, p. 119
JO'2(2)	7	44	Bilha/Garrafa	Roda rápida	Oxidante	IX		Caballero Zoreda, 1989, p. 119
JO'2(2)	7	50	Base (indefinida)	Manual	Oxidante	Período visigótico		Cardoso & Batalha, 2018, p. 183
JO'2(2)	8	6	Asa de Jarro		Oxidante	IX-X		Cristóbal López, 2008, p. 472
JO'2(2)	8	37	Panela	Roda lenta	Oxidante	VI-VII		Hortensia Lárrén, 2003, p. 296
JO'2(2)	8	27	Jarro	Roda rápida	Oxidante	V-VI		Casas <i>et al</i> , 2018, p. 553
JO'2(2)	9	49	Taça	Roda lenta	Oxidante	V		Macias Solé, 1999, p. 93
JO'2(2)	9	12	Alguidar	Roda rápida	Oxidante	?		
JO'4(1)	10	19	Furador (ferro)			IV		Cardoso, 2018a, p. 373
JO'4(1-2)	9	46	Taça	Roda lenta	Redutora	X	Brunida	Cristóbal López, 2008, p. 478
JO'4(2)	7	51	Bilha	Roda rápida	Oxidante	Período visigótico		
JO'4(2)	7	52	Asa		Semi-oxidante	Período visigótico		Cardoso & Batalha, 2018, p. 181

Sondagem /Estrato	Figura	Nº	Forma	Fabrico	Cozedura	Cronologia	Decoração	Paralelos
JO'4(2)	8	11	Bilha	Roda rápida	Semi-oxidante	Período Islâmico		
JO'4(2)	8	18	Asa		Oxidante	Período visigótico		
JO'4(2)1	8	19	Asa		Semi-redutora	Período visigótico		
JO'4(2)	8	56	Panela	Roda lenta	Semi-redutora	VI-VIII		Cristóbal López, 2008, p. 486
JO'4(2)	8	59	Panela	Manual	Semi-redutora	VIII		Cardoso, 2018a, p. 351
JO'4(2)	8	65	Panela	Manual	Semi-redutora	VIII		Tente & De Man, 2016, p. 61
JO'4(2)	8	66	Panela	Roda rápida	Redutora	VII-VIII		Cardoso & Batalha, 2018, p. 175
JO'4(2)	8	71	Panela	Roda rápida	Oxidante	Período visigótico		Cardoso & Batalha, 2018, p. 175
JO'4(2)	9	3	Panela	Roda rápida	Semi-redutora	IX		Cardoso & Batalha, p. 174
JO'4(2)	9	4	Panela	Roda lenta	Oxidante	Período visigótico		
JO'4(2)	10	20	Asa de caldeiro (ferro)			?		
JO'4(2-3)	7	7	Hayes 3F	Roda rápida	Oxidante	V-VI		AA VV, 1981, p. 232, Távola CXIII
JO'4(2-3)	7	21	Panela	Roda lenta	Oxidante	V		Alarcão, 1974, Est. XLIII, nº 838
JO'4(2-3)	7	31	Jarro	Roda lenta	Oxidante	Período visigótico		
JO'4(2-3)	7	32	Jarro	Roda lenta	Oxidante	Período visigótico		Cardoso & Batalha, 2018, p. 181

Sondagem /Estrato	Figura	Nº	Forma	Fabrico	Cozedura	Cronologia	Decoração	Paralelos
JO'4(2-3)	7	34	Panela	Manual	Redutora	VIII-IX/X		Cardoso & Batalha, 2018, p. 181
JO'4(2-3)	8	1	Jarro	Roda Rápida	Oxidante	IX-X		Cristóbal López, 2008, p. 451
JO'4(2-3)	8	2	Jarro	Roda lenta	Oxidante	VII-VIII		Escalera Guirado, 2007, p. 711
JO'4(2-3)	8	3	Jarro	Roda lenta	Oxidante	VIII-IX		Rosseló <i>et al</i> , 2016, p. 53
JO'4(2-3)	8	4	Jarro	Roda lenta	Oxidante	Período visigótico		Alba Calçado & Feijoo, 2003, p. 496
JO'4(2-3)	8	5	Jarro	Roda lenta	Semi-redutora	VIII/IX-X		Tente & De Man, 2016, p. 54
JO'4(2-3)	8	9	Bilha	Roda lenta	Redutora	Período islâmico		
JO'4(2-3)	8	10	Panela	Manual	Redutora	Período visigótico		
JO'4(2-3)	8	12	Asa		Semi-redutora	Período visigótico		
JO'4(2-3)	8	13	Asa		Redutora	Período visigótico		
JO'4(2-3)	8	14	Asa		Semi-redutora	Período visigótico		
JO'4(2-3)	8	15	Asa		Redutora	Período visigótico		
JO'4(2-3)	8	16	Asa		Semi-redutora	Período visigótico		
JO'4(2-3)	8	25	Panela	Roda lenta	Oxidante	VI-VIII		Vaqueira, 2015, p.178
JO'4(2-3)]	8	33	Panela	Roda Rápida	Oxidante	VI-VII		Cardoso & Batalha, 2018, p. 177
JO'4(2-3)	8	42	Base	Roda Rápida	Oxidante	Período visigótico		Cardoso & Batalha, 2018, p. 183

Sondagem /Estrato	Figura	Nº	Forma	Fabrico	Cozedura	Cronologia	Decoração	Paralelos
JO'4(2-3)	8	43	Base	Roda Rápida	Oxidante	Período visigótico		Cardoso & Batalha, 2018, p. 183
JO'4(2-3)	8	47	Base	Roda lenta	Oxidante	Período visigótico		Cardoso & Batalha, 2018, p. 177
JO'4(2-3)	8	48	Base	Manual	Redutora	Período visigótico		Cardoso & Batalha, 2018, p. 183
JO'4(2-3)	8	52	Panela	Roda rápida	Oxidante	V		Cardoso & Batalha, 2018, p. 173
JO'4(2-3)	8	53	Tacho	Roda rápida	Oxidante	VIII		Escalera Guirado, 2006, p. 711
JO'4(2-3)	8	63	Panela	Roda lenta	Semi-redutora	VI-VII		Cardoso & Batalha, 2018, p. 175
JO'4(2-3)	8	70	Panela	Roda lenta	Redutora	VII-VIII		Vaqueira, 2015, p. 180
JO'4(2-3)	8	72	Panela	Roda lenta	Redutora	Período visigótico		Cardoso, 2009b, p. 118
JO'4(2-3)	9	13	Panela	Roda lenta	Redutora	VI-VIII		Tejerizo García, 2017, p. 566
JO'4(2-3)	9	15	Panela	Roda lenta	Redutora	VIII-X		Cardoso & Batalha, 2018, p. 182
JO'4(2-3)	9	17	Panela	Roda lenta	Redutora	VI-VII		Morín de Pablos <i>et al</i> , 2006, p. 74
JO'4(2-3)	9	18	Panela	Roda lenta	Redutora	VI-VII		Cardoso & Batalha, 2018, p. 177
JO'4(2-3)	9	19	Panela	Roda lenta	Redutora	VIII-X		Cardoso & Batalha, 2018, p. 174
JO'4(2-3)	9	20	Panela	Roda lenta	Semi-redutora	VI		Cardoso & Batalha, 2018, p. 175

Sondagem /Estrato	Figura	Nº	Forma	Fabrico	Cozedura	Cronologia	Decoração	Paralelos
JO'4(2-3)	9	27	Base/ Panela	Roda lenta	Redutora	VI-VIII		Tejerizo García, 2017, p. 443
JO'4(2-3)	9	30	Base/ Panela	Roda lenta	Redutora	VII-VIII		Tejerizo García, 2017, p. 391
JO'4(2-3)	9	35	Base/ Panela	Roda lenta	Redutora	Indeterm.		Cardoso & Batalha, 2018, p. 183
JO'4(2-3)	9	38	Coador/ Braseiro	Roda rápida	Semi-oxidante	Período islâmico		Rosseló <i>et al</i> , 2016, p. 56
JO'4(2-3)	10	8	Caçoila	Roda rápida	Oxidante	V		Macias Solé, 1999, p. 91
JO'4(2-3)	10	9	Alguidar	Roda lenta	Semi-redutora	VII-IX		Vaqueira, 2015
JO'4(2-3)	10	10	Alguidar	Roda rápida	Oxidante	IV-V		Smit Nolen, 1988, Est. VII
JO'4(2-3)	10	11	Alguidar	Roda rápida	Oxidante	IV-V		Cardoso, 2018a, p. 337
JO'4(2-5)	7	3	Hayes 91	Roda Rápida	Oxidante	V-VI		Hayes, John, 1972, p. 142
JO'4(2-5)	7	5	Hayes 3F	Roda Rápida	Oxidante	V-VI		AA VV, 1981, p. 232, Távola CXIII
JO'4(3)	7	1	Hayes 91 Imitação	Roda Rápida	Oxidante	V-VI		Hayes, John, 1972, p. 142
JO'4(3)	7	2	Hayes 91	Roda Rápida	Oxidante	V-VI		Hayes, John, 1972, p. 142
JO'4(3)	7	13	Hayes 3D	Roda Rápida	Oxidante	V-VI		AA VV, 1981, p.232, Távola CXIII
JO'4(3)	7	14	Hayes 3F	Roda Rápida	Oxidante	V-VI		idem
JO'4(3)	7	15	Hayes 3F	Roda Rápida	Oxidante	V-VI		idem

Sondagem /Estrato	Figura	Nº	Forma	Fabrico	Cozedura	Cronologia	Decoração	Paralelos
JO'4(3)	7	16	Hayes 3F	Roda Rápida	Oxidante	V-VI		idem
JO'4(3)	7	20	Pé de ânfora (indet.)	Roda Rápida	Oxidante	IV-V		
JO'4(3)	8	24	Panela	Roda lenta	Redutora	VII-VIII		Macias Solé, 1999, p. 152
JO'4(3)	8	38	Panela	Manual	Redutora	VI-VII		Cardoso & Batalha, 2018, p. 174
JO'4(3)	8	55	Panela	Roda lenta	Redutora	VIII-IX		Batalha <i>et al</i> , (no prelo)
JO'4(3)	9	33	Base/Panela	Roda Rápida	Redutora	Emiral		
JO'4(3)	9	38	Base/Pote	Manual	Semi-redutora	Período visigótico		
JO'4(3)	10	5	Tampa	Roda Rápida	Oxidante			
JO'4(3-4)	7	23	Jarro	Roda lenta	Oxidante	IX-X		Cristóbal López, 2008, p. 421
JO'4(3-4)	7	36	Jarro	Roda lenta	Oxidante	VIII		Gutiérrez, 2003, p. 143
JO'4(3-4)	7	49	Base/Jarro	Roda lenta	Redutora	Período islâmico		Roselló <i>et al</i> , 2016, p. 57
JO'4(3-4)	9	5	Bilha	Manual	Redutora	Período Visigótico		Alba & Feijoo, 2003, p. 495
JO'4(3-4)	9	31	Base/panela	Manual	Semi-redutora	IX		Hernández & Bienes, 2003, p. 318
JO'4(4)	8	56	Panela	Roda lenta	Redutora	VII		Cardoso & Batalha, 2018, p. 177

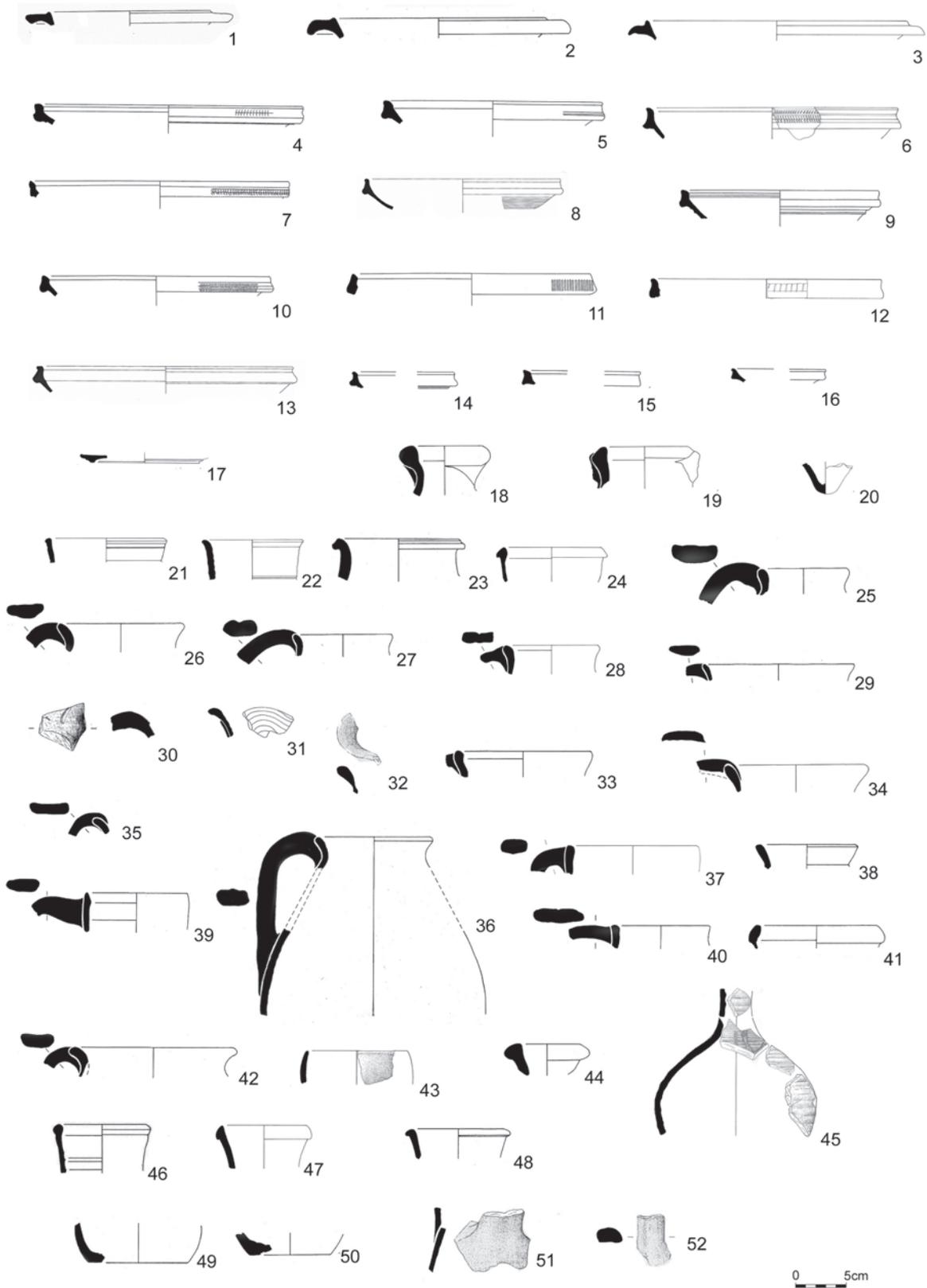


Fig. 7 - Cerâmicas.

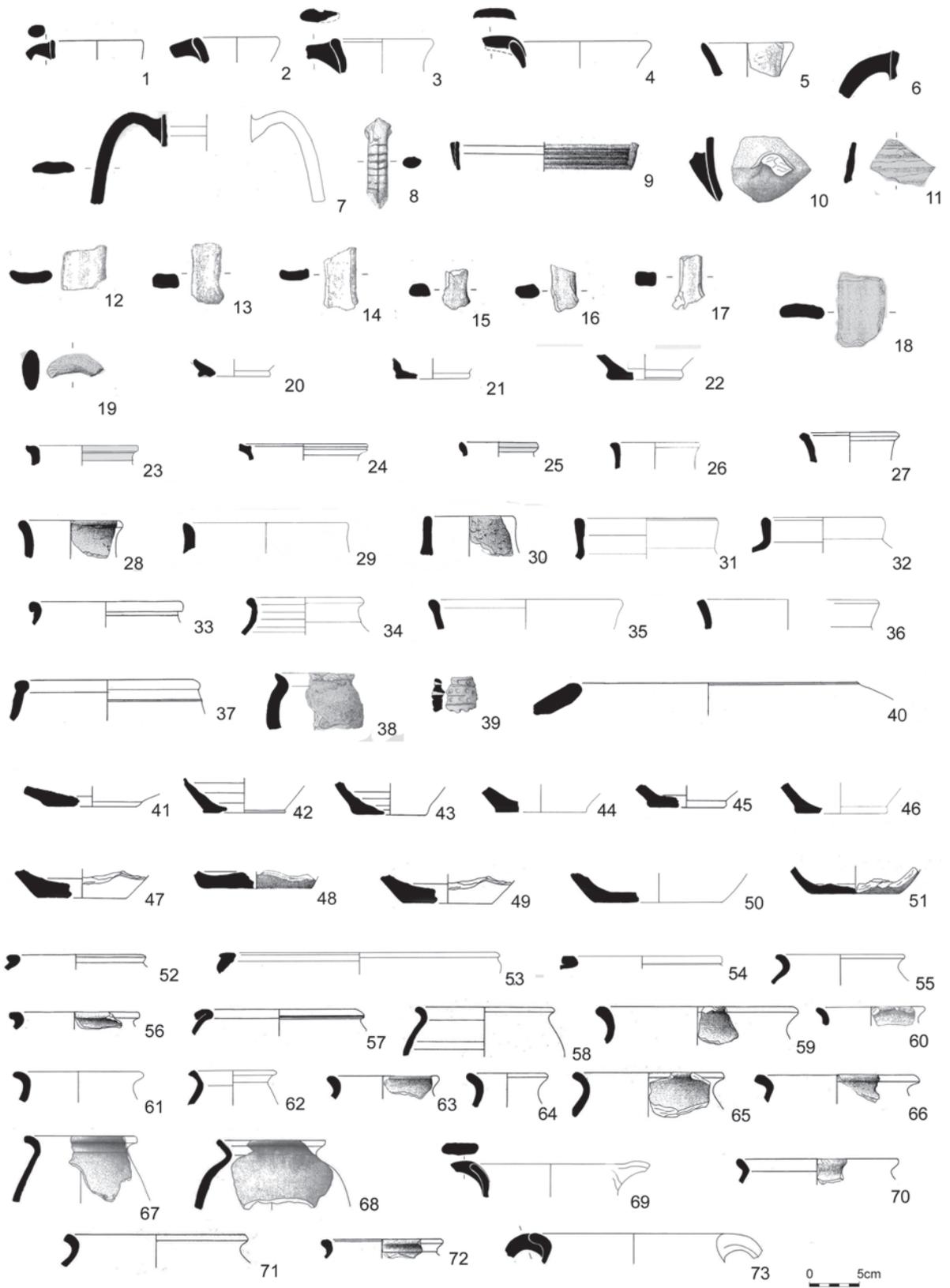


Fig. 8 - Cerâmicas.



Fig. 9 - Cerâmicas.

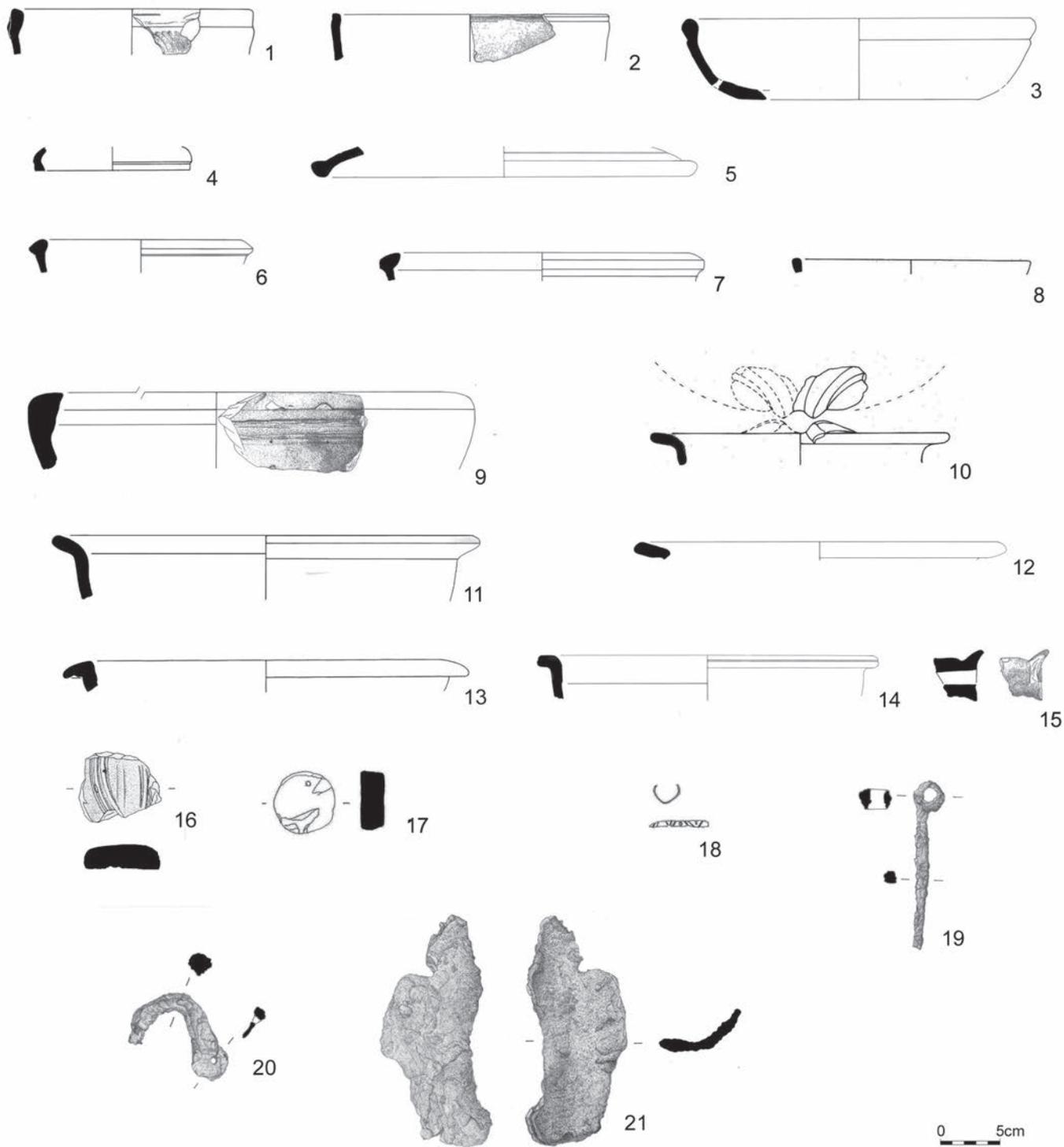


Fig. 10 - Cerâmicas e metais.

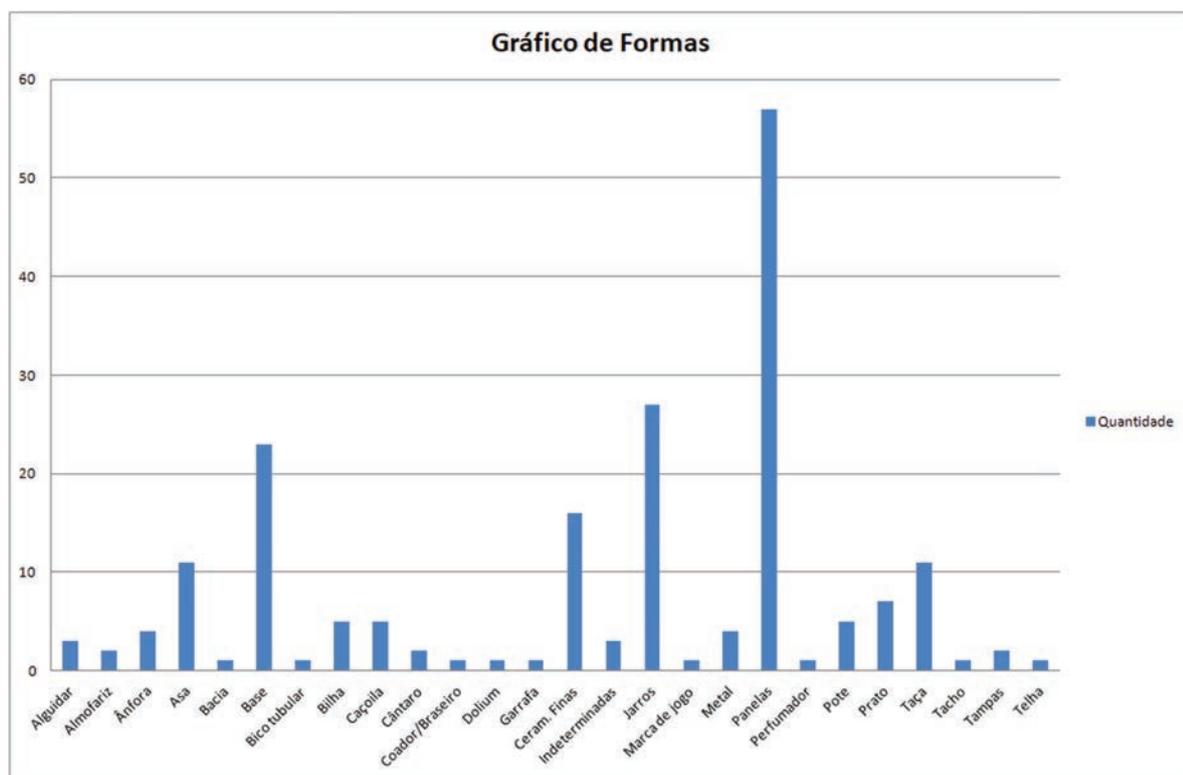


Fig. 11 – Gráfico dos tipos de formas.

5 – CONCLUSÕES

No seguimento do projecto iniciado em 2016, visando a análise cerâmica e o seu relacionamento com o povoamento no concelho de Cascais, especificamente para os períodos cronológicos entre os séculos V-VIII e VIII-X, decidimos apresentar um conjunto, cujos exemplares, numa primeira abordagem, ofereceram alguns resultados que contribuíram para o referido estudo.

Constatámos que as cerâmicas finas, datadas entre os séculos V-VI estavam presentes no local, possivelmente um indicador de que a *villa* teria mantido ocupação até uma fase tardia. Também se verificou, que maioritariamente, são mantidos os processos de cozedura oxidante, com fabricos nos quais predominam a técnica de roda rápida, bem como de roda lenta, sendo menor o conjunto de peças manuais (Figs. 1-3).

Nas produções que reportam até ao século VIII, verificámos que as cozeduras oxidantes se mantêm em maior percentagem, enquanto se observa um equilíbrio entre as produções mistas e as redutoras. Predominam ainda as cerâmicas levantadas segundo o processo de roda lenta e uma diminuição significativa de exemplares de fabrico manual.

No século VIII, verifica-se que nas produções cerâmicas permanecem as formas com raiz cultural no denominado período pré-islâmico, facto que se justifica, dado tratar-se de um momento de transição, ainda sem manifestações significativas de influências exógenas.

O período cronológico que corresponde aos séculos IX-X, oferece igualmente maior produção de cerâmica produzida em ambiente oxidante e a percentagem de exemplares de cozedura mista e redutora é sensivelmente idêntica.

O facto mais relevante corresponde à introdução dos fabricos utilizando pastas claras e de algum modo a aplicação de pintura a barbotina e óxido de ferro, bem como alguns fragmentos com nervuras na superfície.

Outros factores foram igualmente observados, tal como a análise das estruturas edificadas, nomeadamente os que se relacionam com o tipo dos processos construtivos no período Romano, por oposição aos métodos utilizados no decorrer da Antiguidade Tardia e posteriormente em época Islâmica.

A ocupação do local resultou da reutilização de materiais provenientes da *villa* romana e, com base na análise formal das peças exumadas, consideramos a possibilidade de, junto à via romana, ter existido uma estrutura de apoio aos viajantes, uma cabana com alguma dimensão, bem como uma ferraria, uma vez que a quantidade de escórias e a área de concentração de cinzas, com significativa potência estratigráfica, assim o indicarem.

Fica por explicar a localização das duas sepulturas isoladas na paisagem e o fenómeno de, no interior de uma delas, ter funcionado uma lareira. Tal facto poderá eventualmente relacionar-se com a mudança de paradigma de cariz fundamentalmente religioso.

AGRADECIMENTOS

Um especial agradecimento ao amigo Jorge Raposo pela revisão do texto.

REFERÊNCIAS

- AA VV (1981) – ATLANTE delle forme ceramiche – Ceramica fina Romana nelle Bacino Mediterraneo (médio e tardo Impero). *Enciclopedia dell'arte antica clássica e orientale*. I. Roma.
- ALARCÃO, J. (1974) – Cerâmica comum Local e Regional de Conímbriga. Coimbra. *Suplementos de Biblos*, 8.
- ALBA CALZADO & M.; FEIJOO, S. (2003) – Pautas evolutivas de la cerámica común de Mérida en épocas visigoda y emiral. *Anejos AEspA*. Madrid. XXVIII. p. 483-504.
- ALMANSA, M. A.; AGUILAR, J. M. C.; LUENGO, I. N.; ESCANO, J. B. S. & REINA, M. V. (2003) – Cerámicas Tardorromanas y Altomedievales en Málaga, Ronda y Morón. *AEspA*. Madrid. XXVIII, p. 411-454.
- ALVES, J. F. (1989) – *Conquista de Lisboa aos Muros em 1147 Carta de um cruzado Inglês* (Apresentação e notas). Lisboa. Livros Horizonte.
- AMORÓS RUIZ, V. & GUTIÉRREZ LLORET, S. (2018) – Los siglos VII y VIII a Través de los Contextos Cerámicos de el Tolmo de Minateda in *Cerámicas Altomedievales en Hispânia y su entorno (siglos V-VIII d.c.)*, p. 521-544.
- AZKARATE CARAI-OLAUN, A. & SOLAUN, J. L. (2016) – La cerámica altomedieval en el País Vasco (siglos V-X d.c.): producciones, modelos productivos y patrones de consumo. In VIGIL-ESCALERA GUIRADO, A. & QUIRÓS CASTILLO, J. A. (dir.) *La cerámica de la Alta Edad Media en el cuadrante noroeste de la Península Ibérica (siglos V-X) Sistemas de producción, mecanismos de distribución y patrones de consumo. Documentos de Arqueología Medieval*, Servicio Editorial de la Universidad del País Vasco, 9, p. 193-228.
- BATALHA, L. & CARDOSO, G. (2021) – Telhas Alto Medievais do Casal do Clérigo (Cascais). *Al-madan*. Almada. II série, 24, p. 167-170.
- BATALHA, L.; PINHEIRO, H. & SANTOS, R. (s/d) – Vestígios de uma casa romana no nº 16 da Rua doa Bacalhoeiros – O Peristilo. No prelo.
- CABALLERO ZOREDÁ, L. (1989) – Cerámicas de “Época Visigoda y Postvisigoda” de las provincias de Cáceres, Madrid y Segóvia, in *Boletín de Arqueología Medieval*. Asociación Española de Arqueología Medieval, p. 75-107.

- CABALLERO ZOREDA, L.; SÁEZ LARA, F. (1999) – La iglesia Mozárabe de Santa Luzía del Trampal-Alcuéstar (Cáceres). *Memórias de Arqueología Extremeña 2*.
- CARDOSO, Guilherme (1991) – *Carta Arqueológica do Concelho de Cascais*. Cascais. Câmara Municipal de Cascais.
- CARDOSO, G. (2004) – Acerca das Comunicações no Sudoeste do *Ager Olisiponensis*. In GORGES, Jean Gérard; CERRILLO, E. & NOGALES BASARRATE, T. (eds), *Actas da V Mesa Redonda Internacional sobre Lusitânia Romana: Las Comunicaciones*. Cáceres, p. 135-147.
- CARDOSO, G. (2018a) – *Villa Romana de Freiria Estudo Arqueológico*. Cascais. Câmara Municipal de Cascais.
- CARDOSO, G. (2018b) – As necrópoles romanas/visigóticas de Miroiço e Alcoitão (Cascais). *Conimbria*. Coimbra. LVII, p. 169-216.
- CARDOSO, G. (2009a) – Ânforas. In BATALHA, L et alii [coord.], *A Villa Romana da Sub-Serra de Castanheira do Ribatejo (Vila Franca de Xira)*, edição de EPAL – Empresa Portuguesa das Águas Livres SA. Lisboa, p. 63-88.
- CARDOSO, G. (2009b) – Cerâmica Comum Tardo-Romana e Visigótica. In BATALHA, L.; CANINAS, J. C.; CARDOSO, G. & MONTEIRO, M. (Coord.) *A Villa Romana da Sub-Serra de Castanheira do Ribatejo (Vila Franca de Xira) Trabalhos Arqueológicos Efectuados no Âmbito de uma obra da EPAL*. Lisboa. EPAL, p. 113-119.
- CARDOSO, G. & BATALHA, L. (2018) – As cerâmicas alto medievais das *villae* do *ager* ocidental de *Olisipo* – Lusitânia. In MARTÍN VISO, I. & FUENTES MELGAR, P.; *actas do Congreso Internacional de Cerâmicas Altomedievales en Hispania y su Entorno (S. V-VIII d.C.)*. Zamora, p. 159-188.
- CARDOSO, G. & CARDOSO, J. L. (1995) – A Necrópole Tardo-Romana e Medieval de Talaíde (Cascais) Estudo Preliminar. *Actas da IV Reunião de Arqueologia Cristã Hispânica*, SHA Monografies, IV, Barcelona, p. 407-414.
- CARDOSO, J. L., CARDOSO, G. & MARTINS, F. (2018) – Oeiras na Antiguidade Tardia: alguns materiais recolhidos nas escavações arqueológicas realizadas na Rua Marquês de Pombal, 3-7 (Centro Histórico de Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 24, p. 471-482.
- CARDOSO, J. L., CARDOSO, G., BATALHA, L. & MARTINS, F. (2021) – A presença romana, visigótica, islâmica e portuguesa no centro histórico de Oeiras: resultados da intervenção arqueológica realizada em 2017 e em 2018. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 28, p. 277-336.
- CARVAJAL LÓPEZ, J. C. (2008) – *La cerámica de Madinat Iibira (Atarfe) y el plobamiento altomedieval de la Vega de Granada*. Universidad de Granada. Grupo de Investigación “Toponimia, Historia y Arqueología del Reino de Granada”.
- COLL RIERA, J. M.; ROIG BUXÓ, J. & MOLINA VALLMITJANA, J. A. (1997) – Contextos ceràmics de l'antigüitat tardana del Vallès in *Contextos ceràmics d'època romana tardana i de l'alta edat mitjana (segles IV-X)*. Arqueo Mediterrània, 2, p. 37-57.
- CASAS I GENOVER, J.; NOLLA BRUFAU, J. M.; PRAT, M.; TREMOLEDA, J. (2018) – El Material Cerámico del Nordeste Peninsular entre el Bajo Imperio y la Antigüedad. in *Cerâmicas Altomedievales en Hispânia y su entorno (siglos V-VIII d.c.)*, p. 545-562.
- ENCARNAÇÃO, J.; CARDOSO, G. (2019) – A investigação sobre a época Romana em Cascais. In Encarnação, J. (Coord.) *20 anos Associação Cultural de Cascais: Dos Patrimónios de Cascais, Homenagem a João Cabral*. Associação cultural de Cascais. Cascais, p. 95-103.)
- FERNANDEZ-FERNANDEZ, A. (2016) – Cerâmicas tardoantiguas en el Noroeste de la Península (Galicia y Norte de Portugal): entre la importación y el artesanato local/regional (ss. V-VI). In VIGIL-ESCALERA GUIRADO, A. & QUIROS CASTILLO, J. A. (dir.) *La cerámica de la Alta Edad Media en el cuadrante noroeste de la Península Ibérica (siglos V-X) Sistemas de producción, mecanismos de distribución y patrones de consumo. Documentos de Arqueología Medieval*, Servicio Editorial de la Universidad del País, 9, p. 69-113.

- GARCIA MERINO, C. & SÁNCHEZ SIMÓN, M. (2017) – *El final de la villa de Almenara de Adaja-Puras (Valladolid)*. Los contextos cerámicos. Figlina 1. Monografías de estudios materiales. Madrid. Ediciones de la Ergastula.
- GASPAR, A.; GOMES, A. (2015) – Cerâmicas comuns da antiguidade tardia provenientes do claustro da Sé de Lisboa, in *X Congresso Internacional, a Cerâmica Medieval no Mediterrâneo*. Silves. Câmara Municipal de Silves & Campo Arqueológico de Mértola, p. 851-860.
- GENOVER, J. C.; BRUFAU, J. M. N.; PRAT, M. & TREMOLEDA, J. (2018) – El Material Cerámico del Nordeste Peninsular entre el Bajo Imperio y la Antigüedad, in *Cerámicas Altomedievales en Hispânia y su entorno (siglos V-VIII d.c.)*, p. 545-562.
- HAYES, J. W. (1972) – *Late Roman Pottery*. Londres: The British School at Rome.
- HERNÁNDEZ, V. J. A. & BIENES CALVO, J. J. (2003) – Cerámicas hispano-visigodas y de transición en el Vale medio del Ebro. Anejos AEspA. Madrid. XXVIII, p. 307-319.
- HERRERO, S. E.; PÉREZ, T. M.; RAMOS, C. R. & ESCALERA GUIRADO, V. A. (2016) – La cerámica de los siglos VIII-IX en Madrid, Toledo y Guadalajara. In VIGIL-ESCALERA GUIRADO, A.; QUIRÓS CASTILLO, J. A. (dir.) *La cerámica de la Alta Edad Media en el cuadrante noroeste de la Península Ibérica (siglos V-X) Sistemas de producción, mecanismos de distribución y patrones de consumo*. Documentos de Arqueología Medieval, Servicio Editorial de la Universidad del País, 9, p. 279-313.
- HERRERO, S. E.; PÉREZ, T. M.; RAMOS, C. R.; ESCALERA LARRÉN, H.; BLANCO, J. F.; VILLANUEVA, O.; CABALLERO, J.; DOMÍNGUEZ, A.; NUÑO, J.; SANZ, F. J.; MARCOS, G. J.; MARTÍN, M. Á. & MISIEGO, J. (2003) – Ensayo de Sitematización de la Cerámica Tardoantigua en la Cuenca del Duero. Anexos AEspA, XXVIII, Madrid, p. 273-306.
- KEAY, S. J. (1984) – *Late Roman amphorae in the Western Mediterranean. A typology and economic study : the Catalan evidence*. B. A. R. International Series, 196, Oxford.
- LLORET, S. G. (2003) – Los contextos cerámicos Altomedievales del Tolmo de Minateda y la cerámica Altomedieval en el Sudeste de la Península Ibérica. Anexos AEspA. Madrid. XXVIII, p. 119-168.
- LLORET, S. G. (2011) – El reconocimiento arqueológico de la islamización. Una mirada desde al-Andalus. *711 Arqueología e História entre dos Mundos*. Zona Arqueológica. Alcalá de Henares, 15, vol. I, p. 191-210.
- LÓPEZ, J. C. C. (2008) – *La cerâmica de Madinat Ilibira (Atarfe) y el plobamiento altomedieval de la Vega de Granada*.
- MACIAS SOLÉ, J. M. (1999) – La ceràmica comuna tardoantiga a Tàrraco – Anàlisi tipològica i històrica (segles V-VII). TULCIS. Monografies Tarraconenses, 1, Museu Nacional Arqueològic de Tarragona, Tarragona.
- MERINO, C. G. & SIMÓN, M. S. (2017) – *El final de la villa de Almenara de Adaja-Puras (Valladolid)*. Los contextos cerámicos. Figlina 1. Monografías de estudios materiales.
- MONTEIRO, M.; BATALHA, L. & CASQUEIRA, Fernando (2009) – Metais. *A villa romana da Sub-Serra de Castanheira do Ribatejo (Vila Franca de Xira)*. Trabalhos Arqueológicos Efectuados no Âmbito de uma obra da EPAL, p. 133-153.
- MULLER, A. L.; JORDI, J. F. M.; CARBONELL, J. S. & BERCERO, J. B. H. (2003) – Cerámica Tardorromana y Altomedieval en la provincia de Barcelona. Siglos VII-X, in *cerâmicas tardorromanas y altomedievais en la Península Ibérica*. Anejos de AEspA XXVIII, p. 41-65.
- MORÍN DE PABLOS, Jo.; BARROSO CABRERA, R.; LÓPEZ FRAILE; F. J.; LOPEZ RECIO, M. & SÁNCHEZ HIDALGO, F. (2006) – Repertorio de yacimientos de época visigoda en la Comunidad de Madrid (ss. V al VIII d.C.). *Zona arqueológica, n° 8, 1. Madrid*, p. 55-92.
- NOLEN, J. U. S. (1988) – *A villa Romana do Alto do Cidreira (Alcabideche – Cascais)*, Os Materiais. Cascais, Associação Cultural de Cascais.

- PINTO, I. V. (2003) – A cerâmica comum das villae romanas de São Cucufate (Beja). *Colecção Teses*. Lisboa, Universidade Lusíada Editora.
- RETUERCE VELASCO, M. (1998) – La cerâmica andalusí de la Meseta, *Tomo II*. Madrid.
- RIERA, J. M. C.; BUXÓ, J. R. & VALLMITJANA, J. A. M. (1997) – Contextos ceràmics de l'antiguitat tardana del Vallès, in *Contextos ceràmics d'època romana tardana i de l'alta edat mitjana (segles IV-X)*. Arqueo Mediterrània, 2, p. 37-57.
- ROSSELLÓ, M.; SANTOS, C.; CARVALHO, L. & SANTOS, F. (2016) – Contributo para o Conhecimento das Ocupações Tardo-Antiga e Alto-Medieval do Vale do Sabor. O caso de Cilhades (Felgar, Torre de Moncorvo), a luz do estudo da sua componente cerâmica. *Arqueologia Medieval*. Porto. edições Afrontamento, 13, p. 35-63.
- RUIZ, V. A.; LLORET, S. G. (2018) – Los siglos VII y VIII a Través de los Contextos Cerámicos de el Tolmo de Minateda. In *Cerámicas Altomedievales en Hispânia y su entorno (siglos V-VIII d.c.)*, p. 521-544.
- SEPÚLVEDA, E. (2019) – Cerâmicas Foceense Tardia (LRCW) no Concelho de Cascais. In Encarnação, J. (Coord.) *20 Anos Associação Cultural de Cascais, dos Patrimónios de Cascais, Homenagem a João Cabral, Actas das Comemorações dos 20 Anos da Associação Cultural de Cascais*, Cascais, p. 105-126.
- SOLÉ MACIAS, J. M. (2003) – Cerâmicas Tardorromanas de Tarragona: Economía de mercado versus autarquía. *Anejos AEspA*. Madrid, XXVIII, pp. 21-39.
- TEJERIZO GARCÍA, C. (2016) – Construyendo la casa por los Cimientos. *Documentos de Arqueología* 9, pp. 229-254.
- TEJERIZO GARCÍA, C. (2017) Arqueología de Las Sociedades Campesinas en la Cuenca del Duero durante la Primera Alta Edad Media. *Documentos de Arqueología*, 11.
- TENTE, C. & De MAN, A. (2016) – Um rio, dois territórios no centro de Portugal. A produção cerâmica no vale do Mondego – os casos do espaço rural do Alto Mondego e de Conímbriga. In VIGIL-ESCALERA GUIRADO, A. & QUIRÓS CASTILLO, J. A. (dir.) *La cerámica de la Alta Edad Media en el cuadrante noroeste de la Península Ibérica (siglos V-X) Sistemas de producción, mecanismos de distribución y patrones de consumo*. *Documentos de Arqueología Medieval*, Servicio Editorial de la Universidad del País. 9, p. 43-68.
- VAQUEIRA, L. (2015) – O sítio da Torre Velha 3 entre a Antiguidade Tardia e Alta Idade Média: contextos materiais do “ambiente II”. Dissertação de Mestrado. Coimbra.
- VIGIL-ESCALERA GUIRADO, A. (2003) – Cerâmicas Tardorromanas y Altomedievales de Madrid. *AEspA*. Madrid. XXVIII p. 371-387.
- VIGIL-ESCALERA GUIRADO, A. (2006) – La cerâmica del período visigodo en Madrid. *Zona Arqueológica*, n^o 8, 3, p. 705-716.
- VIGIL-ESCALERA GUIRADO, A. (2007) – Algunas observaciones sobre las cerâmicas de «época visigoda» (ss. V-IX d.c.) de la region de Madrid. *Estúdio de la Cerâmica tardorromana y altomedieval*. Granada. 15, p. 259-382
- VIGIL-ESCALERA GUIRADO, A. (2013) – Las últimas producciones de TSHT en el Interior Peninsular. In *Ex officina hispania*. Cuadernos de la SECAH, 1, p. 11-24.
- VIGIL-ESCALERA GUIRADO, A. (2016) – La cerâmica de los siglos VIII-IX en Madrid, Toledo y Guadalajara. In VIGIL-ESCALERA GUIRADO, A. & QUIRÓS CASTILLO, J. A. (dir.) *La cerámica de la Alta Edad Media en el cuadrante noroeste de la Península Ibérica (siglos V-X) Sistemas de producción, mecanismos de distribución y patrones de consumo*. *Documentos de Arqueología Medieval*, Servicio Editorial de la Universidad del País. 9, p. 279-313.